

A sociolinguística e o modernismo no Brasil – aspectos variantes da língua

OLIVEIRA, GIEZI (UFRN, NATAL, BRASIL)

A literatura expressa a sociedade; ao expressá-la, ela a muda, contradiz ou nega. Ao retratá-la, inventa-a, ao inventá-la, revela-a. A sociedade não se reconhece no retrato que lhe apresenta a literatura; não obstante, esse retrato fantástico é real: é o desconhecido que caminha ao nosso lado desde a infância e do qual não sabemos nada a não ser que é nossa sombra (ou seremos a sua?)"(PAZ, 1986, p 209).

Resumo

O objetivo desse trabalho é identificar os aspectos advindos da Semana de Arte Moderna e, conseqüentemente, do Modernismo, e a sua relação com a pesquisa sociovariacionista (LABOV, 1966), que analisa os fatores lingüísticos e considera, também, os fatores extralingüísticos. Pretendemos, com essa análise, comprovar a importância de um estudo transdisciplinar que considere as perspectivas de uma linguagem em uso, com suas mais diversas variações.

Palavras-chave: sociolinguística, modernismo, variáveis, variantes, linguagem.

Introdução

As ressonâncias artístico-ideológicas advindas da Semana de Arte Moderna e, conseqüentemente, do Modernismo, elencadas no período de 1922, trouxe à tona o debate no meio artístico acerca da linguagem utilizada na poesia e na prosa literárias produzidas até então. Tal debate passa, de certo modo, pelo tema da identidade nacional que tanto o Brasil buscou em vários momentos de sua história. Assim foi com a Independência, com a Proclamação da República e com a redemocratização do país na década de 80 do século passado. A língua nacional, nesse sentido, foi e continua a ser o principal mecanismo revelador de uma identidade. É nela que se forma a cultura de um povo.

Já se sabe que a língua sofre mudanças ao longo do tempo. Mas sabe-se também que essas mudanças não são de caráter arbitrário, mas sim social. Tal idéia perpassa pelas várias teorias lingüísticas e uma delas, em especial, trata do assunto de maneira mais focada no papel empírico da língua, qual seja a sociolinguística (LABOV, 1966). Contudo, é possível perceber na literatura pré e pós-moderna o caráter representativo da língua na busca pela identidade nacional através do variado uso que se faz dela pelas classes sociais nas diversas regiões do Brasil.

Muitos autores demonstraram, de maneira variada nessa época, a sua preocupação com os aspectos lingüísticos. Entre eles tivemos Oswald de Andrade. O foco deste artigo pretende traçar um paralelo entre a literatura oswaldiana a partir de 22 e a corrente sociovariacionista de Labov da década de 60 verificando os aspectos norteadores da língua em uso no Brasil, que já consideravam, naquele momento, a língua como um

elemento agregado ao social e passível de mudanças. Dessa forma, pretendemos deixar claro a necessidade de se considerar os estudos da língua em seu uso real, pois é esse uso que revela as “raízes” que constroem a mesma e não um estudo pautado na tradição logicista, que considera a língua como elemento independente e puro, destoada da realidade mundana.

O modernismo e a língua em uso

O modernismo foi um movimento literário e artístico do início do séc. XX, cujo objetivo primordial era o rompimento com o tradicionalismo (Realismo/Naturalismo, Parnasianismo/simbolismo e a arte acadêmica), a libertação estética, a experimentação do novo e, principalmente, a independência cultural do país. Os modelos estético-estilísticos de corrente literária parnasiana, que possuíam uma forma padronizada de construção lingüística anterior ao advento modernista, perdem esse efeito com o movimento artístico de 1922.

Assim como as pesquisas linguística de corrente sociovariacionista vieram a dar um novo rumo aos estudos da linguagem, a literatura modernista trouxe a lume uma nova maneira de perceber a língua, cujas funções estão atreladas a fatores lingüísticos como o fonológico, o morfológico e o sintático, bem como fatores extralingüísticos ancorados em aspectos sociais tais como, os grupos sociais, o sexo, a idade e a região do falante.

Desse modo, é possível perceber e identificar as variantes da língua e as mudanças que ela sofre por intermédio da forma escrita e falada da língua representada na literatura.

Pode-se perceber que, ao longo da história do Brasil, muitos foram os aspectos norteadores para descrever e implantar modelos gramaticais para o uso da língua portuguesa no Brasil. Camões, considerado o poeta maior e “pai” da língua portuguesa, tem sido comumente utilizado como referência no que diz respeito à norma padrão imposta no Brasil e em Portugal. É dele a obra máxima da literatura portuguesa “Os Lusíadas”. O legado desse poeta reverbera até os nossos dias quando se fala de uma língua padrão. É nesse poeta e outros como Fernando Pessoa que os gramáticos ancoram seus argumentos sobre a arte do bem falar e escrever no Brasil.

Se a linguagem é uma ferramenta básica para prática discursiva e seu uso diversificado pode causar efeitos de sentidos variados no interlocutor, a literatura é uma ferramenta poderosa na construção de ideologias. Por isso mesmo, até a ficção literária pode agir de forma arbitrária sobre a realidade a nossa volta de modo a nos fazer, de certo modo, reféns de sua maneira maquinista de tentar convencer um leitor ou interlocutor das ideologias por trás das letras. A literatura com os seus estilos diversificados e

representativos da sociedade causa, de certa modo, esse efeito, já que traz em seu cerne as marcas de enunciação características do autor e de um momento sócio-cultural, político e econômico de uma época, qualquer época.

A literatura tem sido, constantemente empregada como instrumento de persuasão nos diversos momentos de nossa história. Não foi à toa a prática do “índex” pelo clero na idade média, afinal o livro era um instrumento que fazia as pessoas mudarem o seu modo de pensar e agir na sociedade. Pode-se ainda perceber, o uso que se faz dela para dirimir conceitos, definir ou delimitar modelos para a prática do bem escrever e falar. No entanto, como afirma Bagno (1999), esses modelos são determinantes na prática de preconceitos lingüísticos, já que são incentivadas, manipuladas e impostas pelas classes sociais de prestígio.

O padrão culto da língua torna-se um referente gerador de significantes e significados modeladores de uma Gramática ideal na tentativa de dar conta de todo um modo de falar, escrever e até representar o mundo a nossa volta - como se a língua fosse algo estanque e que não dependesse da participação e interação de um público usuário. Parece Haver uma ânsia entre os gramáticos tradicionalistas de tornar a língua uma unidade que se fecha em si mesmo. Isso faz de nós, falantes da língua portuguesa, escravos de uma norma cuja abordagem não leva em conta aspectos como o histórico, o regional, a classe social, a idade, o sexo etc...

Até o advento da Semana de Arte Moderna, a literatura serviu como modelo para a gramática normativa. A partir daí esses modelos passaram a servir, de certo modo, apenas como uma referência estilística e não mais como um molde a ser espelhado. O estilo tornara-se uma voz crítica ao modo de escrever parnasiano, seguidores de uma espécie de doutrina francesa na maneira de escrever.

Aspectos diacrônicos sobre os estudos da linguagem

Em relação aos estudos da linguagem, Os lingüistas do início do século passado tinham como pressupostos teóricos o estruturalismo, ou seja, a idéia de língua como estrutura (Saussure, 1916). Essa corrente lingüística diz ser a língua o resultado do social, porém, independente do sujeito. Com isso, o comportamento lingüístico estava desvinculado das relações entre língua e sociedade no que concerne ao uso cotidiano, coloquial, pois este era entendido pelos estruturalistas como sendo uma materialidade individual e momentânea (fala), ou seja, impossível de ser estudada conjuntamente com o estudo da língua. Contudo, foi com o surgimento da Sociolingüística de Labov na década de 80, que se passou a priorizar os fatores sociais que interagem com a linguagem. Desse modo, percebe-se que a Semana de arte Moderna trouxe a lume as variedades existentes na língua, bem como os estudos sociolingüísticos variacionistas.

Segundo Faraco (1991), a linguagem é passiva de mudanças diacrônicas e sincrônicas, na fala e na

escrita. Dentre os estudos realizados por ele, o processo diacrônico é aquele que estuda as variações ocorridas na língua ao longo do tempo, ou seja, na história da linguagem.

As mudanças, ocorridas com o passar do tempo, têm como características, além do aspecto dinâmico da língua, fatores como: questões culturais, históricas, grau de estudo; diferenças de idade, ideologias, grupos sociais diferentes, regionalismo etc. Tais fatores ajudam a promover, na linguagem, mudanças no nível fonético-fonológico, morfológico, sintático, semântico e pragmático.

Essas mudanças na língua são contínuas e graduais e permitem apreender novas culturas e maneiras de referenciar e relacionar atos e fatos lingüísticos revelando novos modos de dizer ou de comunicar. As mudanças, segundo Faraco, atravessam momentos de estabilidade e de constantes mudanças em andamento e está ligada ao padrão culto da língua, que é cultivado pelos letrados e ensinados na escola, conferindo à língua aquilo que Carlos Alberto Faraco chamou de estabilidade e permanência (Faraco, 1991). Tal estabilidade se faz mais presente na escrita, haja vista que o grau de mudança e de variabilidade na língua falada, torna-se maior, em relação à escrita, em decorrência de fatores externos mencionados anteriormente como a classe sócio-econômica do falante.

É fácil perceber essas mudanças quando nos deparamos com textos literários produzidos em épocas diferentes como, por exemplo, os textos de Machado de Assis, cujas expressões, que revelam o modelo de escrita e fala do século XIX, atestam as mudanças ocorridas no século seguinte. Faraco exemplifica essas mudanças mostrando uma versão em português de um trecho do romance “Rei Lear” de Shakespeare e outra versão contemporânea do mesmo texto, os quais demonstram que as mudanças que se operam na linguagem escrita são generalizadas e atinge todas as línguas, o que reforça a teoria da heterogeneidade lingüística sugeridas por Faraco (1991).

Outro fato a observar é que as mudanças ocorridas são de caráter comportamental nos falantes da língua materna e se formam em todas as estruturas da língua, desde o fonológico ao semântico e essas estruturas estão inter-relacionadas quando percebemos que uma transformação no nível fonético se formou a partir do nível pragmático, afetando, muitas vezes o morfológico e o semântico; algumas vezes promovendo substituições, outras vezes, complementando um sentido. Em outro momento, atribuem-se novos valores de acordo com o tempo e o espaço em que se encontra o falante. No poema de Oswald de Andrade, entre outros, pós-advento modernista, podem-se perceber claramente estes efeitos quando se tem palavras como: “milho e mio”; “pior e pio”; “telhado e teiado”. Nesse caso, o significado foi mantido, porém, mudou-se a forma e o modo dizer.

Aspectos sociais da linguagem

A sociedade brasileira é marcada pela estrutura hierárquica do espaço social. Essa estrutura é verticalizada em todos os seus aspectos. Há sempre um superior, que manda e um subordinado que obedece. (Chauí, 2000). A ausência da participação das camadas populares nos principais momentos históricos do Brasil demonstra a distância existente entre a maioria do povo e a elite da sociedade.

Desse modo, os aspectos norteadores para definir e implementar um modelo de gramática que traduzisse a “língua portuguesa do Brasil” esteve, e ainda está pautada na fala e escrita de uma pequena classe social que é detentora de prestígio e por isso, mesmo, os “outros” devem espelhá-los em todas as formas.

Essa idéia é difundida e aceita por todos aqueles que fazem uso da língua na interação social. Mesmo quem não domina as regras gramaticais impostas concordam que ela é um mecanismo de ascensão social. É ela que garante prestígio, apesar de não refletirem a linguagem falada, até mesmo na chamada classe dominante.

A língua portuguesa do Brasil foi marcada por fases na sua forma de escrever: Uma fase romântica, em que a elite mantinha um projeto de europeização do Brasil e outra nacionalista que buscava um ideal de escrita estritamente brasileira, Bagno (2004).

Analisando os *corpora*

Na primeira fase, dita romântica, a linguagem se espelhava no português clássico; na outra numa forma “lusitanizante” que se cristalizou com o parnasianismo. Com o advento do modernismo no início do século XX, ascendem as idéias de uma “língua brasileira. Com isso, as concepções em torno da linguagem passaram a ser vistas por outro ângulo: o das massas populares. Contudo, as marcas tradicionalistas no modo de bem falar e escrever permaneceram

Em seu poema “Vícios da Fala”, abaixo, Oswald de Andrade sugere de modo preciso essa crítica de que falamos acima, como se fosse uma Ode à Sociolinguística:

Para dizerem milho dizem mio
Para melhor dizem mió
Para pior pió
Para telhado dizem teiado
E vão fazendo telhados

A literatura anterior à semana de arte moderna vinha de uma tradição espelhada nos pressupostos estético-estilísticos ligados ao Realismo/Naturalismo - na prosa e no Parnasianismo/Simbolismo na poesia. Esses estilos tinham como características os aspectos convencionais e conservadores da língua dita culta.

Artistas como Oswald de Andrade, Mario de Andrade, dentre outros, passaram, com o movimento modernista, a questionar a preocupação apenas com a estética normativa, inspirada nas correntes literárias europeias. A partir daí, a literatura daria vez e voz aos aspectos de variação da língua utilizando recursos como a paródia, a piada e o sarcasmo. A sátira é outro estilo comumente empregado para se referir aos versejadores parnasianos e aos “puristas” da língua portuguesa. Vejamos, por exemplo, esta passagem publicada na contra capa da revista Klaxon em 1922:

Aviso à praça

Pantosopho, Pantermnium e Cia., proprietários da Grande Fábrica Internacional de sonetos, madrigais, baladas e quadrinhas, comunicam que, em virtude do grande movimento de suas oficinas nestes últimos tempos, e, para atender a inúmeros pedidos de fregueses, resolveram montar, na cidade de São Paulo, um *Laboratório de Análises Químicas Gramaticais*..

(klaxon, São Paulo, 8, 9 [contra capa], 1922, apud Dino Preti, 1987).

Os modernistas atacavam sarcasticamente o tradicionalismo arraigado no trato da língua portuguesa. A forma e o estilo eram impostos e, segundo o aviso inferido acima em forma de classificado jornalístico, para se fazer um soneto, quadrinha, balada ou madrigal, haveria a necessidade de uma consultoria, nesse caso, nada melhor do que contratar os serviços de um *Laboratório de Análises Químicas Gramaticais*.

As críticas ao uso abusivo da norma culta na literatura e, conseqüentemente, na arte em geral, continuariam acirradas nos manifestos literários:

A língua sem arcaísmos, sem erudição. Natural e neológica. A contribuição milionária de todos os erros. Como falamos. Como somos.

(Oswald de Andrade, 1924)

Note-se que aqui o autor contrapõe o arcaísmo no modo de falar dos puristas ao modo de ser do brasileiro. É nítido o desejo de se incorporar à literatura o modo natural de se expressar por intermédio da língua falada. Segundo esse manifesto, os erros no modo de falar do brasileiro, considerado pelos gramáticos, constituem uma riqueza lingüística, cujo modo não deve ser descartado, pois revela uma identidade nacional.

Vejamos o que manifestou o poeta e escritor Manoel Bandeira quando aderiu ao movimento modernista, traduzindo no poema *poética* o seu posicionamento “anti-purista”:

Estou farto do lirismo comedido
Do lirismo bem comportado
Do lirismo funcionário público com livro de ponto expediente
protocolo e manifestações de apreço ao Sr. Diretor.
Estou farto do lirismo que pára e vai averiguar no dicionário o
cunho vernáculo de um vocábulo.
Abaixo os puristas

[...]

- Não quero mais saber do lirismo que não é libertação.

Nesse poema é exposto novamente o caráter arcaizante e tradicionalista. Nesse sentido, o poeta expõe suas idéias acerca da gramática impositiva adotada pelos parnasianos até então. O eu-lírico, em um primeiro momento, posiciona-se contra o modo como é tratada a linguagem pelos versejadores; depois compara a profissão de funcionário público, que tem livro de ponto, expediente, protocolo e hierarquia, ao modo de se fazer poesia. Por fim, demonstra que o lirismo que se praticava anterior ao movimento modernista era uma espécie de sistema prisional o qual não se poderia fugir do cunho vernáculo da língua ao se fazer arte. Havia a necessidade de libertação da retórica verbal dominante à época.

Um dos aspectos gramaticais que simbolizava a dissonância entre a língua escrita e a falada era o uso do pronome, em especial no tocante à colocação pronominal sintetizado no poema *pronominais* de Oswald de Andrade:

Dê-me um cigarro
Diz a gramática
Do professor e do aluno
E do mulato sabido
Mas o bom negro e o bom branco
Da Nação Brasileira
Dizem todos os dias
Deixa disso camarada
Me dá um cigarro.

Esse poema nos mostra a diversidade no modo de falar do brasileiro. Traz a questão da gramática normativa e o uso coloquial da linguagem, especificamente quanto ao uso da próclise – *me dá um cigarro* (...) - em detrimento da ênclise em início de frases e orações imposta pela norma dita culta: *Dê-me um cigarro* (...). Há aqui um paradoxo expresso na forma academicista de falar e escrever e o modo coloquial representado pelas massas populares na maneira de se expressar no dia-a-dia. Contudo, ambas são consideradas língua portuguesa, sendo que a segunda seria mais estigmatizada por representar uma classe menos favorecida.

O modernismo, segundo Dino Preti (1986), foi um movimento deveras fértil no campo literário, sendo uma espécie de laboratório experimental. Trouxe soluções para o campo da narrativa dialogal.

Tanto em verso como na prosa, passou-se a abolir as frases longas e dar maior ênfase na marcação de pausas e interrupções no discurso das personagens, além de incorporar outros elementos lingüísticos como afirma Preti (1986, p. 200):

(...) A gíria figurou como um dos índices da linguagem das classes populares. O próprio vocabulário obscuro encontrou aproveitamento nos diálogos marcados pelos fatores situacionais. (...) Incorporaram-se o vocabulário e a sintaxe regional. As línguas estrangeiras surgiram na linguagem falada dos imigrantes (...).

Como pudemos perceber, há uma ligação entre o movimento modernista do início do século XX, exposto na semana de arte moderna, e o advento da corrente sociolinguística variacionista de Labov (1966) que tinha como campo de estudo as variações de natureza extralingüística. Segundo ele, para se compreender as mudanças lingüísticas, era impossível deixar de fora os fatores sociais da comunidade em que ela se produz. Tais fatores sociais são constantemente pressionados pela língua e vice-versa.

Conclusões

É baseado em um cenário literário que pudemos perceber, concomitantemente, uma outra realidade: a sociedade das massas. Essa sociedade também tem “voz” discursiva que, inclusive, auxilia no processo de construção lingüística de nossa língua, utilizando-se das mais diversas variações nos mais diversos contextos. Negá-la seria retroagir historicamente e considerar a existência de uma língua pura, perfeita e imutável, conforme a literatura já havia nos alertado. Portanto, entendemos a nossa proposta de interdisciplinaridade entre a sociolinguística e a literatura como fundamentais na compreensão desse processo de construção sociocultural nos estudos da linguagem. É considerando a sociedade como um todo que entenderemos suas bases.

Referências

BAGNO, M. *Preconceito lingüístico – o que é, como se faz.* São Paulo: Ed. Loyola, 1999.

_____. (org.). *Lingüística da norma.* São Paulo: Loyola, 2002.

_____. *Português ou Brasileiro? Um convite à pesquisa.* São Paulo: Parábola, 2004.

BOSI, A. 1936. *História concisa da literatura brasileira.* São Paulo: Cultrix, 2006.

CHAUÍ, M. *Convite à Filosofia.* São Paulo: Ática, 2000.

FARACO, C. A. *Lingüística Histórica: Uma Introdução Ao Estudo da Historia das Línguas.* SAO PAULO: Ática, 1991.

ILARI, R. *O português da gente: a língua que estudamos e a língua que falamos.* São Paulo: Contexto, 2007.

LABOV, W. *The social stratification of English in New York*. Washignton: Center of Applied Linguistics, 1966.

MARTELLOTA, M. E (org.). *Manual de Lingüística*. São Paulo: Contexto, 2008

PRETI, D. *Sociolingüística: os níveis da fala: um estudo sociolingüístico do diálogo na literatura brasileira*. 6 ed. São Paulo: Editora Nacional, 1987.